



## PROCEDIMENTOS DE ESCRITA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ângela Francine Fuza<sup>1</sup>; Renilson José Menegassi<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve o objetivo de verificar como as abordagens de ensino de leitura e produção de texto, propostas a partir dos princípios teóricos da Lingüística da Enunciação, da Lingüística Aplicada e da perspectiva Sócio-Histórica de ensino e aprendizagem, através da concepção interacionista de linguagem, estão sendo implementadas e efetivadas na sala de aula do Ensino Fundamental, sendo que, neste artigo, apresentam-se os procedimentos de escrita desenvolvidos em sala. Assim, foram analisadas as práticas de produção textual da 3ª série de uma escola particular de Maringá-PR, observando os elementos responsáveis pelo seu ensino e sua aprendizagem: o material didático; as aulas do professor e as produções dos alunos, a fim de verificar se a prática de sala de aula condiz com a teoria que a subsidia, identificando as ocorrências de internalização da escrita nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Os resultados demonstram que, embora haja uma pré-disposição para um trabalho interativo, com base na perspectiva sócio-histórica de ensino e aprendizagem de leitura e de produção de texto, o que se observa é que a leitura foi trabalhada artificialmente, não possibilitando sua internalização, fazendo com que, conseqüentemente, o trabalho com a escrita fosse afetado. Os estudantes, no momento da escrita, viram no texto de apoio um modelo a ser seguido, fazendo com que a autoria fosse difusa, haja vista que a produção, em sua maioria, foi constituída pelo discurso do texto entregue pela professora e não pelas idéias dos alunos. Dessa forma, constata-se que, de modo geral, as aulas se caracterizaram por um ensino e uma aprendizagem da leitura e da escrita para a escola.

**Palavras-chave:** escrita; produção textual; internalização; Ensino Fundamental.

### 1 INTRODUÇÃO

Nas escolas atuais de Ensino Fundamental, geralmente, as abordagens que embasam o ensino e a aprendizagem da língua materna amparam-se em uma concepção interacionista de linguagem que vê o aluno como sujeito do seu discurso. Todavia, muitos pesquisadores afirmam que, embora existam essas teorias, os professores não as traduzem em suas práticas (MENEGASSI, 2005), fazendo com que haja uma homogeneização da escrita em sala de aula. Os textos dos alunos demonstram a internalização realizada pelo professor e o sistema atual, resultando, assim, textos para a escola, nos quais o aluno não responde ativamente ao enunciado (BAKHTIN, 1992), uma vez que não se desenvolveu como sujeito ativo de seus textos (GERALDI, 1993).

Geraldi considera a produção de textos “como ponto de partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua [pois] é no texto que a língua se revela em sua

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras – Habilitação Português – Inglês. Departamento de Letras. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – PR. Acadêmica do Programa de Iniciação Científica – PIC/UEM, membro do Grupo de Pesquisa “Interação e escrita no ensino e aprendizagem” (UEM/CNPq – www.escrita.uem.br). angelafuza@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Orientador (UEM)- renilson@wnet.com.br

totalidade” (1993, p. 135). A produção textual é uma das atividades que valoriza o papel do sujeito na sociedade, uma vez que é por meio de enunciados escritos que o indivíduo pode interagir em seu ambiente social, expor seu posicionamento e agir sobre o mundo. Embora a escrita seja algo de extrema importância, no contexto atual, o que se tem nas escolas é o fracasso e a dificuldade dos alunos para a elaboração de textos e para a exposição de suas idéias através da língua escrita.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira<sup>3</sup> (INEP, 2003), muitos estudantes brasileiros chegam à 4ª série do Ensino Fundamental sem terem desenvolvido competências e habilidades básicas de leitura, fazendo com que, conseqüentemente, o trabalho com a escrita seja afetado, uma vez que é a partir da leitura que se adquirem informações e se desenvolve o senso crítico dos sujeitos. Estudos são desenvolvidos com o intuito de auxiliar os educadores em sua tarefa de ensinar a escrita, todavia, segundo Menegassi (2005), os textos dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental demonstram que há uma homogeneização dos enunciados, advinda do fato de que a internalização da escrita é baseada no que a cultura escolar determina, “construindo, assim, essa atividade psicológica superior de maneira própria, tradicional ao ensino brasileiro” (MENEGASSI, 2005, p. 12).

Em virtude do fato de demarcar esses problemas e mostrar que vários estudos e teorias são realizados para a melhoria do Ensino Fundamental, esta pesquisa, vinculada ao projeto maior “A escrita e o professor: interações no ensino e aprendizagem de línguas” (Processo 0418/04-UEM) e ao Grupo de Pesquisa: “Interação e escrita no ensino e aprendizagem” (UEM/CNPq-[www.escrita.uem.br](http://www.escrita.uem.br)) teve o propósito de verificar se as teorias de produção textual estão chegando à sala de aula da 3ª série do Ensino Fundamental. Para tal, foram analisados os elementos que propiciam o ensino e a aprendizagem da escrita: material didático; as aulas do professor e a produção textual dos estudantes, a fim de observar se as teorias estão presentes na prática.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Com o intuito de verificar se as abordagens a respeito da produção de texto estão sendo implantadas e efetivadas na sala de aula do Ensino Fundamental, a pesquisa fez a escolha de uma escola da região de Maringá PR, que possibilitou a observação das aulas de leitura e de produção textual da 3ª série do Ensino Fundamental. Nesta série, os alunos já estão com o processo de conhecimento do alfabeto internalizado, iniciando o desenvolvimento da leitura e produção de texto mais independentemente. Para tanto, os procedimentos de coleta dos registros foram: a) observação em sala de aula, num período correspondente a dois meses; b) acompanhamento das aulas com anotações em diário de campo; c) observação das atividades exclusivas que envolvam leitura e a produção de um texto específico, um procedimento completo de escrita (leitura, preparação da produção textual, construção do texto, revisão, reescrita); d) recolhimento do material utilizado no procedimento coletado, incluindo-se o material didático, como textos de leitura, e as versões produzidas pelos alunos, com os apontamentos do professor e a reescrita dos alunos. As análises do material coletado abordaram: a) descrição dos procedimentos de leitura; b) descrição dos procedimentos de produção textual; c) identificação das características propostas pela teoria que subsidia o projeto nos procedimentos descritos.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

<sup>3</sup> Dados retirados do *site*: <http://www.inep.gov.br>

A observação das aulas e a análise de uma amostra representativa do trabalho com a escrita permitiram o levantamento de algumas características a respeito do modo como esta atividade está sendo desenvolvida em sala, contribuindo, assim, com os estudos sobre a formação do produtor de texto, a partir dos teóricos que tratam do ensino e aprendizagem da escrita. Durante as atividades desenvolvidas em sala, constatou-se que a interação entre a professora e os alunos é concretizada na oralidade, na relação face a face, principalmente, no processo da leitura. Contudo, quando se tem o texto escrito, para ser lido, observa-se que impera o discurso lido pela professora, não havendo a interação e a discussão sobre o texto, fazendo com que a internalização da leitura não seja alcançada. No decorrer das observações das aulas, verificou-se que as crianças realizaram a leitura de diversos textos antes de partirem para a produção textual, que teve como apoio o texto *Que nome!*, trazido pela professora, uma vez que ela objetivava auxiliar seus alunos na escrita. Assim, a partir do processo de produção e dos textos produzidos pelos alunos, constatou-se:

- a produção textual das crianças foi realizada após a leitura de vários textos, não havendo um tempo de sedimentação de todas as informações adquiridas na leitura;
- a escrita aconteceu sem um momento de planejamento das idéias, fazendo com que o texto de apoio fosse concebido como um modelo a ser seguido;
- a produção foi devolvida para as crianças com os apontamentos dez dias depois, fazendo com que o aluno tivesse tempo suficiente para se distanciar de seu texto e lê-lo de forma crítica;
- os textos apresentaram uma estrutura composicional, começo, meio e fim, indicando a coerência e a coesão das idéias por parte dos alunos. Contudo, as informações e os fatos narrados pelos alunos eram muito parecidos com o texto de apoio, demonstrando que as crianças seguiram um modelo de escrita;
- a internalização da escrita está, assim, apregoada de uma concepção que tem o professor ou o texto de apoio como referência externa, não promovendo a resposta ativa dos alunos em seus textos;
- através das amostras representativas dos textos dos alunos, verifica-se que a reconstrução das idéias, discutidas durante a leitura, não possibilitaram o desenvolvimento da atenção voluntária e da memória do estudante, causando a dependência por um texto de apoio. A incorporação das informações dos enunciados lidos não aconteceu e o aluno internalizou apenas a idéia de que o texto de apoio era algo certo, que deveria ser seguido. A transformação aconteceu de forma sucinta, por meio de algumas marcas individuais trazidas pelo estudante em sua produção;
- a revisão proposta pela professora englobou os dois aspectos de constituição do enunciado, a forma e o conteúdo. Os apontamentos levantados pela docente foram expostos em forma de questões, promovendo um diálogo com seus alunos, que voltavam para o texto e respondiam ativamente ao que era solicitado;
- a segunda versão dos textos não apresentou nenhuma informação além do que era explicitado pela professora em suas questões, fazendo com que a autoria dos alunos permanecesse ainda difusa, uma vez que as marcas do texto de apoio eram superiores às marcas individuais.

Dessa forma, é possível afirmar que, embora o ensino e a aprendizagem sejam baseados na interação entre a professora e os alunos, o que se constata é que as marcas desses diálogos não estão presentes no texto produzido pelas crianças. A internalização dos aspectos da leitura e da escrita não acontece, ocasionando a leitura e a produção de acordo com o discurso do professor ou do texto de apoio, não possibilitando o desenvolvimento de um leitor e de um produtor crítico, em sala de aula.

## 4 CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que, embora haja uma pré-disposição para um trabalho interativo, com base na perspectiva sócio-histórica de ensino e aprendizagem de leitura e de produção de texto, o que se observa é que a leitura foi trabalhada artificialmente, não possibilitando sua internalização, fazendo com que, conseqüentemente, o trabalho com a escrita fosse afetado. Os estudantes, no momento da escrita, viram no texto de apoio um modelo a ser seguido, fazendo com que a autoria fosse difusa, haja vista que a produção, em sua maioria, foi constituída pelo discurso do texto entregue pela professora e não pelas idéias dos alunos. Dessa forma, constata-se que, de modo geral, as aulas se caracterizaram por um ensino e uma aprendizagem da leitura e da escrita para a escola.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

INEP. *Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental*. Disponível em: < [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br) >. Acesso em: 24 março de 2006.

MENEGASSI, R. J. *A internalização da escrita no ensino fundamental*. 2005. Material de circulação interna no Grupo de Pesquisa “Interação e escrita no ensino e aprendizagem”, mimeo.